



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

12 DE OUTUBRO
ANO XX — N.º 511 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO *
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

A Obra da Rua em Angola

TERIA sido a primeira vez que um apelo sério não encontrasse eco nos nossos leitores. Mas desta vez, as respostas — e o teor delas — consolam-nos a dobrar, porque o indispensável bragal para os primeiros tempos, que queremos levar de cá, significa uma presença dos nossos Amigos, presença da Metrópole que vai connosco para Angola.

Os nossos Amigos de lá — os presentes e os futuros — não ficam desobrigados. Daqui a pouco e depois pelo tempo em fora, eles serão chamados a dar a mão para que a Obra da Rua cresça em Angola até à medida que Deus quiser.

Em Malange vamos começar de zero, como já se disse. Mas mesmo em Benguela as instalações que há não chegam senão para já e felizmente que a grandeza delas não nos prende ao lugar, em que ora estão; antes nos deixa livres para ajuizarmos o melhor local do futuro aldeamento e aí o levantarmos.

Como exemplo a fornecer aos architectos de lá, levamos a planta geral de Paço de Sousa e das suas casas. Não que se vá repetir a realização material. Mas a ideia que a enforma essa sim, desejamos repeti-la fielmente. Por isso vamos providos com o exemplo, que falará mais eloquentemente aos architectos sobre o que pretendemos, do que nós seríamos capazes por palavra.

Desde as «pequenas migalhas» de 20\$00 e de outras um pouco maiores, até vales e notas das mais graúdas tem sido um chover miudinho, mas certo.

Alguns destes donativos vêm de fontes inesgotáveis, que aparecem sempre que qualquer circunstância nova dá título a uma nova presença. Bendito seja Deus que dá aos que dão o gosto cada vez mais intenso de dar!

Mas não só dinheiro tem aqui chegado! As duas máquinas de costura necessárias, já cá estão. Dois candeeiros «Petromax» também. Já veio um rádio. Falta outro, o tal que convinha ser de pilhas.

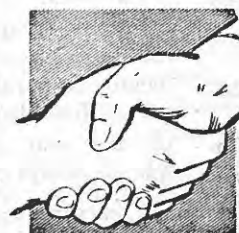
Chegou uma máquina de escrever esplêndida. Falta outra, também. E como estamos na maré do que falta metade, lembramos uma bicicleta motorizada para ir aos recados à cidade,

que fica a 8 Km em Malange e a 4 Km em Benguela. Uma das casas já está provida, a outra não.

Parecendo que é um luxo, mas não — até porque a presença delas permite ir ilustrando o nosso jornal com gravuras de lá! — faziam-nos muito jeito duas máquinas fotográficas.

As nossas capelas de Angola têm sido lembradas. Linhos, paramentos, dois cálices. Nós pró serviço do Altar, nunca regateamos. Queremos simples, mas autêntico. Ora ele há gente amiga que sabe que assim é, e devotadamente unida ao gosto de Pai Américo, tem-nos deixado escolher — e pagam. Ele sacras iluminadas à mão. Ele castiçais antigos amorosamente

Continua na QUARTA página



Auto-Constructão

Os pobres não acabaram nem acabarão. Quem procura conhecer o homem, conclui, imediatamente, ser bem verdadeira aquela palavra de Cristo: — Pobres sempre os tereis convosco. Muitos, quanto mais ganham mais pobres são; quanto mais lhes damos mais pobres ficam. É um problema insolúvel. Muitos pobres têm feito da sua pobreza uma profissão e tornaram-se mendigos. Por motivos vários, a profissão tendia a generalizar-se e as autoridades públicas acharam por bem intervir. Algumas das nossas feiras e muitas das nossas feiras eram invadidas por mendigos profissionais. Alguns não deixavam cicatrizar as chagas, outros usavam uma voz bem diferente da usual. Crianças defeituosas eram, frequentíssimas vezes, uma propriedade rendosa para os pais e irmãos. Uma feira bem batidinha chegava a render centenas de escudos e havia feiras todos os dias. Quando pediam de porta em porta, as esmolas recebidas nas aldeias eram vendidas por um baixo preço a indivíduos sem

escrúpulos. Desmoralização sobre muitos aspectos. Ora a caridade de muitos dos nossos chamados cristãos resumia-se em não deixar ir embora da sua porta, sem esmola, um destes pobres. Se fálássemos em Caridade ouviríamos invariavelmente a resposta: Sim, da minha porta não sai pobre nenhum sem esmola. Como as autoridades públicas, em toda a parte, intervieram, muitos desses que assim resumiam a sua caridade, dizem agora que acabaram os pobres. E, quando lhes perguntamos se exercem a caridade, respondem, com a maior inocência deste mundo: — Afinal os pobres, agora, acabaram.

Foi ainda mais um efeito mau da mendicidade. Consciências mal formadas. Mentalidades limitadíssimas. Atender só o pobre mendigo que bate à porta pode não representar nem religião, nem inteligência, nem bondade, mas sim fraqueza e comodismo. É a caridade à burguesa. Temos que ir muito mais além. Os pobres não acabaram. Cada vez há mais. Sempre cada vez mais. E o cristão tem que os procurar, que os descobrir e de lhes dar a mão discretamente, mas com eficácia. Auto-Constructão

Continua na QUARTA página

Mais um casamento

HOMILIA

PERANTE a oportunidade que o casamento de um de vós me oferece, não devo dispensar-me da disciplina de alinhar com um fio de lógica alguns pensamentos inspirados no que a Santa Igreja nossa Mãe sente do Matrimónio:

a respeito do compromisso selado entre os que O contraem; e do acréscimo de obrigações que implica em relação aos outros, aos que serão o Próximo daqueles dois.

E, para mim, nenhuma ocasião me é mais querida do que esta, em que à nossa qualidade de desposados da Santa Igreja, que nos constitui testemunha por Si no Sacramento que vos ministrais, nós aliamos, dum modo certamente mais humano, mas ainda in nomine Domini, portanto também em nome d'Ela, a nossa qualidade de pai do esposo e de ora em diante dos esposos.

Neste ponto somos bem mais ricos do que os pais segundo a carne! É o «cem por um» da promessa divina!

Depois, em um momento destes, nem a doutrina que se serve como alimento às almas e só para os que são, hoje, o centro da festa.

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

Eis os fundadores da Casa de Malange. Falta o Toininho que nos primeiros meses vai emprestado para Benguela.



Mais um casamento

Reportagem

Por
MANUEL PINTO

Dias grandes da Obra da Rua aparecem de longe a longe e, por vezes, em curto espaço de tempo. E como dizer sempre coisas novas é muito difícil, vamos analisar o acto de hoje.

Desta feita, o acontecimento refere-se ao casamento de um dos seus filhos muito queridos.

Contrairam matrimónio na Capela desta formosa aldeia da Casa do Gaiato, Fernando da Rocha Dias e Emília de Azevedo Monteiro.

Eram 11 horas precisas deste 18 de Setembro de 1963. A sineta dá sinal e convida todos, amigos dos noivos, pequenos e grandes a entrarem no templo. O grupo coral a postos e Sejaquim pronto para executar a marcha nupcial, o que faz sempre com categoria.

E ao som desta marcha cativante, eis os futuros esposos subindo calmamente até aos pés do Altar, ajoelhando em seguida. Fernando pelo braço da sua madrinha, a nossa Dona Sofia, senhora que se encontra ao serviço da Obra de alma e coração, há mais de 14 anos, e a Emília conduzida por seu padrinho.

«O que Deus uniu jamais o homem poderá separar»

Com a capela literalmente cheia e no meio do mais profundo silêncio, inicia-se a cerimónia santa do Matrimónio com as

perguntas sacramentais:

— Fernando da Rocha Dias, desejas receber para tua legítima esposa, Emília de Azevedo Monteiro?

— Sim.

— Emília de Azevedo Monteiro, desejas receber para teu legítimo esposo, Fernando da Rocha Dias?

— Sim.

— A todos vós aqui presentes, eu tomo por testemunhas, diz o celebrante Sr. Padre Carlos. «O que Deus uniu, jamais o homem poderá separar».

A Santa Missa

E inicia-se a santa Missa, cantada a primor pelos nossos rapazes sob a regência do Senhor Padre Arlindo.

A homília — que publicamos na íntegra, — senhor Padre Carlos disse da ajuda recíproca que deve haver entre marido e esposa e seu próximo. Do dom peregrino que o amor entre esposos é.

Os noivos, como não podia deixar de ser, abeiraram-se do banquete divino, ao qual se associaram muitos fiéis.

Mais cânticos, mais orações e bênçãos especiais que a Santa Igreja concede aos esposos e termina a cerimónia religiosa deste casamento.

Abraços da Comunidade

Cá fora, no largo fronteiro à capela, trocam-se abraços, cumprimentos de parabéns, votos de felicidades, e todo um mar de rosas que se deseja ao casal.

Começam as fotografias. Grupos aqui e acolá de familiares de um e outro. Os Padres da Rua presentes posam com eles. Mais uma chusma da nossa alegre rapaziada nas escadas da capela rodeiam o irmão casado e é mais uma chapa batida. Um grupo de gaiatos casados, suas esposas e filhos, também é da praxe. E acrescento que o Avelino é o fotógrafo oficial destas cerimónias.

Ouço murmúrios de que a sineta vai falar. Já havia dado meio dia há muito tempo e, claro está, o estômago estava triste por não ter sido chamado a colaborar na festa. Tocou. E começam a entrar pró refeitório. Cada chefe comanda os seus rapazes. A disposição das mesas é diferente da habitual, para que caiba mais gente.

Almoço de festa

Começou o almoço logo após se ter pedido ao Senhor que abençoasse a comida para melhor O servir-mos para toda a vida.

Em todos os rostos a boa disposição era a nota saliente desta grande família. Muita algazarra, e muitos vivos e algumas canções.

O almoço ia sendo devorado e novos e bons petiscos iam surgindo. Frutas e doces de várias qualidades e feitos, não faltavam, e ainda o já tradicional bolo de noiva. E chegamos ao fim do repasto, fumando um cigarrito, que é hábito oferecer aos mais velhos em dias de festa.

Continuadores da Obra em África

O Fernando e Emília fazem o primeiro casal, dos nossos, que vai continuar a Obra em África.

Resta-me acrescentar que ainda não tive conhecimento de presenças dos nossos amigos. Eles são bem merecedores de uma prendazinha, e informo que eles necessitam muito de malas, fortes e boas, para os acompanharem na viagem.

Para eles, o nosso abraço de irmãos e de muita amizade e que sempre e em tudo Deus esteja presente, para honra da Obra da Rua, do nosso Pai Américo e seus continuadores.



Metade do coração de cada um é do outro. A outra metade é dos Pobres. Por isso, em vez de sós, aqui vão na companhia que melhor os retrata: Ti João Manco e a Senhora Adorinda.

dade matrimonial. A Epístola da Missa repete-a como um refrão, para a esclarecer e fixar.

E este laço unificante só a morte o desata. A indissolubilidade concluía-se da própria afirmação da unidade: «Não são já dois, mas sim uma só carne». Houve uma fusão, um processo irreversível. Separar — só retalhando... Retalhando — seria matar.

Mas nem nos é preciso concluir, que o Senhor, no Evangelho, logo acrescenta: «Portanto que o homem não separe o que Deus uniu».

Só Ele... Só Ele que é o Senhor da vida e da morte!

MAS a liturgia é omisa a respeito do papel dos outros na construção do edifício matrimonial. Sem querer, caímos em pensar que o dom recíproco, sem reservas, que se poderia traduzir pela afirmação «devo fazer por ti, quanto fazes por mim», é a verdadeira perspectiva do amor conjugal.

Ora não é. O amor conjugal é algo de muito mais nobre e mais rico. Ele é chamamento de Deus. Forçosamente chamamento de amor e ao amor, ao amor de Deus e ao próximo.

O casal não é uma sociedade autónoma e isolada. É célula de uma sociedade mais vasta, vizinha de outras células, outras famílias, e solidária com elas no processo da circulação da Vida que umas às outras não-de comunicar em fluxo continuamente alimentado por Cristo, Cabeça do Corpo Místico.

Cada conjuge convive nos vários planos em que decorre a vida com outros homens que são o seu Próximo. Aquele próximo a quem têm de amar, com um amor efectuado em serviço, para que Deus acredite e aceite o amor que todos Lhe devemos.

Depois do casamento o Próximo de cada conjuge, torna-se o Próximo do casal. Cada um tem de assumir a sua parte naquela responsabilidade de amor. E se a mulher, por exemplo, não pode influir directamente nos companheiros de seu marido lá onde ele exerce a sua profissão, ela tem de ajudá-lo, tem de enriquecê-lo,

tem de equilibrá-lo, para que ele possa amá-los mais — que é servi-los melhor — por força de já não ser solteiro, mas casado.

A fórmula não será, portanto, «devo fazer por ti, quanto fazes por mim», mas esta: «Devo fazer pelos outros o que tu fazes por mim».

E deste modo, a mulher, zelando a sua casa, educando os seus filhos, acolhendo ternamente o seu marido nas horas de convivência conjugal, está a dar-lhe o suplemento de amor que ele só por si jamais teria para dar aos outros. Como casada que é, ela está cumprindo o seu dever de amar o Próximo de seu marido, que é o seu Próximo.

Nesta atitude — única autenticamente cristã — não há independência, tampouco hostilidade entre o amor ao Próximo e o amor conjugal. Pelo contrário, este serviço dos outros é a própria significação da fecundidade do amor dos esposos e a garantia do êxito perseverante, mesmo progressivo, deste amor.

Há uma superação do egoísmo a dois da primeira fórmula, em que cada um reservava o outro para si, exclusivamente para si: «Se eu não penso senão em ti, tu não deves pensar senão em mim».

Na estreiteza desta perspectiva poder-se-ia falar alguma vez do matrimónio — chamamento de Deus, chamamento ao amor? Se Deus é o Amor oferecido a todos os homens de boa vontade — como poderia Ele chamar os homens de boa vontade a colaborar consigo na difusão do amor numa atitude que não fosse universal?, se bem que realmente sujeita a toda a sorte das nossas limitações!

Infelizes os lares em que os dois não conseguiram acertar os seus conceitos e unificar as suas decisões, dando aos outros o mesmo lugar no seu amor conjugal.

Este pretensão amor é ilusão que o tempo desfará, com aquela facilidade com que nós lemos nos jornais ou vemos nos cinemas uniões e desuniões que se profanam com o nome santo de amor.

HOMILIA

Continuação da PRIMEIRA pág.

O banquete começa verdadeiramente aqui. Na mesa do Altar se come a Substância, o Único que vale a pena comer, porque nos alimenta para a Vida eterna e nos frutifica para a vida mortal mediante a unidade fraterna que estabelece entre os que O comem.

Verdadeiramente o banquete é aqui.

E numa refeição que se deseja de Caridade, como não oferecer a todos o que se dá a uns?!

Neste momento, nós pensamos nos lares que se constituiram há mais ou menos anos, nos quais, pelo facto de serem casal, nós outros deveríamos achar uma fonte mais fecunda de generosidade e de serviço, se eles soubessem e quisessem viver toda a riqueza guardada no Sacramento que os fez um.

Pensamos nos que, talvez ainda de longe, mas desde já seriamente, aspiram ao seu lar.

E se a uns queremos dar fundamentos para uma revisão de vida, aos outros desejamos ajudar a construir firmemente desde os alicerces, o edifício do amor, para que nunca hajam de desmanchar parede nem tenham de redimir pelo preço de fracassos futuros leviandades actuais.

TEMOS falado mais vezes do vínculo que o Matrimónio gera entre os que o contraem. Toda a liturgia matrimonial nos fala dele ao sublinhar a unidade e a indissolubilidade do Sacramento.

Assim como Cristo é a Cabeça da Igreja e faz com Ela um só corpo, — assim o marido e a mulher. E se Cristo é o Salvador do Seu corpo e a Igreja Lhe está sujeita, — ame o marido sua mulher, entregue-se por ela, sacrifique-se por ela, como Cristo faz; e a mulher confie-se-lhe em tudo como a Igreja ensina com o Seu exemplo.

Eles são partes integrantes um do outro. Nenhum se ama perfeitamente se não se amar no outro. Só os dois fazem a realidade total. Aquele que desprezasse o outro reduzia-se à simples parcela que ele é. Minimizava-se. Verdadeiramente se estava desprezando a si mesmo.

No paralelismo com a relação de Cristo e da Igreja, funda S. Paulo a doutrina da uni-

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



O QUE NOS DÃO

No Tojal

Graças a Deus que com a ajuda de amigos certos e persistentes esta Casa vai caminhando, sempre confiante, mas com firmeza.

A cada passo aparecem também amigos novos que vão engrandecendo este caudal generoso retemperando na Caridade as suas almas, pois na medida em que nos damos nos é dado, ou na em que nos desprendemos a favor dos outros, Deus nos prende a Si.

Do Gavião no dia do Grande Apóstolo uma migalhinha de quem pede a Deus dê graças aos Padres da Rua para se continuarem a dar. Que maneira tão bela de nos ajudar! Dos nossos subscritores de Loures pela mão da D. Nely que religiosamente recolhe todos os meses o que cada um quer oferecer. Do Casal de S.ta Rita no Estoril todos os meses dinheiro e coisas, duma Senhora que por amor dos Ra-

O amor do Próximo, o serviço dos outros — é um serviço prestado ao amor conjugal. A pureza e perseverança deste amor firmam-se com aquele serviço.

* * *

SE a solidez do edifício conjugal, da sua própria felicidade, está assim tão dependente dos outros — quem se admira que, na medida em que procuramos dar aos novos lares daqui nascidos esta consciência, nos regozijemos tanto e nos consideremos tão enriquecidos em dias como este?!

É que, para os casais chamados por Deus a realizarem-se conosco, a Obra da Rua é uma concretização dos outros, de um Próximo que eles teriam de encontrar de qualquer forma, fosse onde fosse, para assegurarem a sua própria felicidade.

É uma concretização *sui generis* e exigente, sem dúvida. Por isso mesmo é para os chamados a ela! Quem não tiver asas para tanto, voará mais baixo!

Assim, quem vier consciente da riqueza que traz no dom matrimonial recebido aos pés do Altar, deverá render na proporeção do dom. E dando muito, muito, à Obra, muitíssimo recebe de Deus pela Obra, porque ela é para si a concretização dos outros, segundo o seu chamamento.

E vendo assim e acreditando assim — falamos assentes sobre um plano de Fé! — como não há-de amar muito a Obra aquele que lhe der muito e amá-la muitíssimo aquele que lhe der muitíssimo?!

Sempre receberá de Deus, por ela, mais do que há-de dar-lhe, porque não é de nós o muito nem o pouco, mas tudo é d'Ele em nós — tudo quanto cabe na medida da nossa generosidade.

* * *

AOS pés do nosso Altar, ajoelha hoje um casal a quem se está pedindo muito — e nem eu sei quanto Deus ainda tem que lhe pedir... É uma grande aventura que vamos tentar, uma experiência que antevemos cheios de esperança — porque a julgamos serviço da Igreja, à moda da Igreja no ano 1963 da era de Cristo.

Ides sem nada de vosso a não ser a vossa Fé; fundidos com a Obra que tomais por Mãe. Ides dar-vos à dilatação do Reino. «Beati pedes evangelizantium pacis...» Bem-aventurados os pés que caminham

pazes se fez propagandista da Obra da Rua junto de seus compatriotas. De alguém cinco esc. e de Júlia quarenta. Da Senhora que todas as semanas trata desveladamente as feridas dos nossos rapazes mais 500\$. De uma Mãe 15\$00. De outra Senhora Inglesa da St Julian's School 858\$00. De um dos poucos mealheiros espalhados por Lisboa 897\$20, desta vez no Cabelheiro Estrela. Escusado dizer que o mealheiro veio com ordem de voltar imediatamente, pois tem muitos devotos e oxalá tenha mais clientes a Casa. De acção de graças em Bucelas 90\$00 e 500\$00 pela saúde que Deus restituiu inteiramente.

Da Senhora da Praça de Damão tantas vezes falada, às vezes com outro nome, 500\$ antes de ir para férias e para as dos nossos na Ericeira. A nossa Casa está um amor de pequenina e confortável. Só as camas ainda ficaram este ano sem colchas. São trinta e três. Alguém com cem diversas vezes para nós e igualmente para Belenitas e Calvário e Património. Mais de uma rapariga feliz que aos vinte e dois anos tem Pais, saúde e casa, deixado nos Jerónimos. Se todos quantos têm essa felicidade soubessem enriquecê-la ajudando a

felicidade dos outros como esta rapariga...

Os empregados da Mobil com 655\$00. Devem ser os de Luanda que agora por dificuldades de câmbios vêm separados dos de cá. Bem hajam todos. Mais uma mobília para a sala da nossa Colónia de Férias ofertada por uma Senhora dinamarquesa. Visitantes no Tojal, (durante o verão foram tão poucos) com cem. Assinaturas pagas na Mãe Irene 400\$00 e o donativo de 50\$00 todos os meses da Junta de Freguesia dos Anjos. Não há outra igual. Do Senhor Marquês de Queluz quinhentos e mais doze mil para uma casa do Património que esperamos seja feita perto do Tojal bem como outra há menos tempo entregue com a legenda de: «Paz e Prosperidade».

Mais os Amigos da Nestlé que de há muitos anos estão presentes mensalmente com o seu vale do correio. De outros — «um reduzido grupo de Empregados de L'Air Liquide de Lisboa, por duas vezes, vinte». Não é a quantidade mas o amor que faz o valor da oferta. Se assim não fora não passaríamos de uma Obra morta.

PADRE JOSÉ MARIA

LISBOA — Assim como o Porto também a capital se não retraiu com a falta de notícias! É uma torrente, graças a Deus. Abre a coluna um conhecidoíssimo Gravador da Rua dos Fanqueiros. Leiam e apreciem como ele é amigo — e dos bons: «Franco-Gravador cumpre o grato dever de enviar mais 2 «esfomeados» para o rol daqueles que não querem viver só de pão, mas também da palavra de Deus proclamada pelo nosso insubstituível Jornal. Portanto,

Campanha de Assinaturas

mais 2 assinantes. Junto 2 vales de 100\$ cada, referentes à assinatura anual destes novos amigos da incomensurável Liga dos Amigos da Casa do Gaiato. Desculpem ser tão pouco, mas no comer e... no angariar, o mal é... começar... Afectuosas saudações».

Não é possível dizer nem fazer mais e melhor com tanta graça — e tanto amor!

Mais uma carta formosa, e digna de ser meditada por muitos pais:

«Aqui lhe enviamos uma parte da verba, ou melhor, uma parte do resultado de «um sucesso». Queríamos nós com isto comemorar, com Jesus e convosco, uma alegria transformando-a numa pequena alegria para vós.

Já somos vossos colaborado-

A casa do António

Do semanário «Flor do Tâmega» de 15 de Setembro último tiramos esta notícia de Lufrei, duplamente feliz: Feliz para o António; feliz para aquele Povo — seu jovem Pároco à frente — que assim vai apreendendo, tanto mais quanto mais se exercitar, a sublime sabedoria do amor do Próximo.

«O António era um honesto trabalhador. Todos os dias calculava largos quilómetros na ânsia de ter no lar pão e alegria.

Ao regressar, à tardinha, tinha o conforto da família, o caldo fumegante na tigela, os gorgeios dos pequenitos e a satisfação do dever cumprido.

Depois veio a doença, pertinaz, aguda, lenta, devoradora.

O António consultou; o António foi para o Sanatório...

Mamou remédio atrás de remédio, fizeram-lhe sondas e mais sondas, cortaram-lhe as costelas, racharam-lhe o peito... O António voltou... curado... mas tão fraquinho!

Antes confiavam os seus nele. Agora confia ele mais nos seus e nos outros.

Para cúmulo o António tem de deixar a casa que habita...

Mas não vai para o relento. Deus não morreu e a Sua Caridade permanece. O Senhor Anibal Melo cedeu um pouco de terreno, lá nas encostas, entre o pinheiral. O Senhor Melo já tem feito isso muitas vezes. É mais uma... (Havia um centurião romano...)

O António comprou algum material, outro deram-lhe, outro há-de ver-se. A mão de obra é ainda a mais cara. Então a Liga Operária põe-se em campo e reúne e discute e toma a iniciativa.

A Liga Operária é para bem dos trabalhadores, ela procura dignificar o trabalho, elevá-lo, defendê-lo, levá-lo à solidariedade.

E a sua iniciativa irradia, o seu exemplo arrasta. Os homens e jovens de Lufrei, muitos, vão trabalhar para o António.

Trabalham às tardes, no fim do diário, e trabalham ao domingo. Há fariseus que se escandalizam: a velha história do boi ou do burro caído ao poço em dia de sábado...

Tirou-se muito entulho, levantaram-se as paredes; os bois e os seus carros fizeram muitos carretos (Mais um hino aos mansos bois de olhos plácidos). Ergueu-se o tijolo, cortaram-se eucaliptos e pinheiros. Houve quem desse grande ajuda no transporte. E o Senhor Abreu serrou de graça e fez mais coisas de graça. O Snr. Abreu, o antigo patrão do António. Não o lembrou só enquanto ele rendia. Lembrou-o também agora que ele precisava.

E a casa subiu, cresceu e agora até já tem «chapéu», já parece casa, já tem telha... o resto continuará...

O António terá uma casa «sua». Será a casa da «Solidariedade». Nem tudo morreu no mundo. Acho que há mais vida que nunca.

J. FERRO».

res anuais, mas não me lembrei de pedir a assinatura do jornal. Querem ter a bondade de nos enviar agora para a nossa nova morada?... a fim de que os filhos se habituem a que «a contribuição, assinatura e simpatia pela Obra é de todos nós», e que eles a continuarão mais tarde, quando puderem».

Finalmente, um postal de um devotado Amigo da Trav. do Poço da Cidade:

«Tem este o fim e comunicar a V. que tenho o prazer de propor mais um assinante do Jornal «O Gaiato». Oportunamente,

JULIO MENDES

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

— Mais uma vez o Sr. Padre Manuel chamou a atenção sobre o melancol e o meloal, porque começaram a fazer aventuras, e disse que não era licito, pois que as melancias e os melões todos comiam deles. Nisso estão todos de acordo. Aqueles que têm consciência do que fazem, devem imaginar um pouco de falar com os seus botões. Se não tiverem com quem desabafar sobre isso, é que tudo o que tem havido em casa, tudo vem para eles, ou seja para a Casa-Mãe. E se alguns pensam o contrário estão equivocados a esse respeito, porque tudo o que estava lá em baixo vem tudo cá para cima. Dou a minha palavra porque também estive lá em baixo.

— Estão para começar as vindimas do vinho branco. Mas tarde virão as do tinto. Por isso, Sr. Padre Manuel, desde já terei convite para a vindima como voluntário?

— Chegou a nossa vez de ir para a praia. Já arranjei boia para boiar, não julguem que é para o mar, é mas é para a chuva...

— Ao primeiro dia de praia fomos ao café do Bom Pastor e tanta sorte tivemos, que fomos sendo postos na rua à cacetada. Sei no que estão a pensar, é na polícia. Não, não era; era o filme que nos estava a dar volta à cabeça dos castes que entravam lá...

António da Silva Porto

MIRANDA

Em fins de Setembro, como acontece todos os anos, os rapazes com idade superior a 19 anos fizeram o seu retiro espiritual, no tão agradável ambiente da Sr.ª da Piedade. Foram dias cheios de Deus.

O retiro este ano revestiu uma forma especial, formou essa pela qual ele se assemelha mais a um curso de cultura religiosa do que a um retiro propriamente dito em que se costumam debater as dificuldades e problemas da vida quotidiana.

Mas apesar de não estarmos a contar com um retiro desta forma, esse mesmo retiro não foi menos proveitoso que nos anos anteriores.

Foram-nos apresentados 4 temas: O Ideal cristão, o Amor em Cristo, a Igreja, os Sacramentos.

Para compreendermos bem o que é o Ideal Cristão devemos ter na vida sempre esta norma: «Sede perfeitos como o nosso Pai Celeste é Perfeito».

Não se compreende Ideal Cristão sem amor a Cristo. Quem quiser ser perfeito «dê tudo o que tem, tome a sua Cruz e Siga-me». E Cristo amou-nos e amou até ao fim.

A Igreja e os Sacramentos são dois pontos doutrinários intimamente ligados.

A Igreja é Cristo continuado. Esposa de Cristo e Corpo Místico de Cristo a que todos pertencemos.

Os Sacramentos, sendo administrados pela Santa Igreja, estão incorporados no capítulo Igreja-Cristo continuado, pelo que nós sabemos que os Sacramentos que hoje nos são administrados são os mesmos que Jesus e os Apóstolos administraram às gentes de há quase 2.000 anos.

E assim cheios de confiança e vontade, pedimos a Deus que fizesse de nós um instrumento Seu, qual pintor agarrando o seu pincel, e descrevesse maravilhas. Pedimos-lhe também para que, como outrora no Cenáculo, nos enviasse o Divino Espírito Santo para que nos enchesse dos seus dons.

António Ferreira da Silva

BELEM

APANHA DOS FRUTOS—Na nossa quinta temos muitas árvores de fruto. Este ano todas elas deram muita fruta, mas metade dela cai no chão. Por isso andamos sempre a apanhar a fruta que cai. A que está verde é para os porcos comerem e quando está madura comemo-la nós. Quando a nossa Mãe nos mandava ir apanhar as maçãs, sempre comíamos as escondidas. A nossa Mãe chegava a um lado via-nos a comer, chegava a outro via-nos a comer... Então, um dia, à noite, chamou-nos e disse assim: «Vai com vocês a tãntes tão pouca força de vontade e andam sempre a comer fruta fora das horas, para que não andem sempre a desobedecer, daqui por diante é assim: Quem andar a trabalhar no campo pode apanhar do chão a fruta que quiser e comer, mas não a terá à sobremesa. Com uma certeza: se alguma adoecer por causa da fruta, vai para a cama um dia inteiro a beber água fervida».

Fatinha

A APANHA DA CARUMA — Nós temos um pinhal muito grande. Durante as férias apanhamos muita caruma e pinhas. A nossa Mãe dizia-nos para apanharmos muita caruma porque vinha o inverno e não tínhamos com que acender o lume para fazer o comer. Uma vez em que andávamos a apanhar vimos um pinheiro manso e arrancámos-lhe as pinhas que ainda estavam verdes. Estávamos a britar para lhes tirarmos os pinhões verdes. Viu e ralhou-nos e disse que os pinhões ainda não estavam bons para se comerem. Depois viu-nos as mãos e tinham as todas sujas de pê; mandou lavá-las. Foi um caso sério para tirarmos o pes.

Fernanda

SETUBAL

ABELHAS, mel, eles e o trabalho. Noutro dia foi a «colheita» do mel. Sem mesmo comer dele eu saboreei esta colheita. Ao cheiro de lamber as vasilhas, muitos foram os ajudantes. Eu não refiliei por serem muitos a «quererem trabalhar». Deixei que eles vissem bem o sabor duma colheita, depois dum ano de labuta. As abelhas dão-nos o exemplo do esforço e das canseiras; o mel, é o fruto dessa canseira. Nós devemos ser outras abelhas, para que do nosso esforço, saboreemos o doce do nosso trabalho.

O Anibal é o nosso apicultor. Ele é jeitoso e, com um nadinha de esforço, tem saboreado o seu fruto. Ele é marceneiro, mas de vez em quando, lá vai ele ver as abelhas. No tempo da jugada dos enxames, lá vem um dizer recado: «ó Anibal, vai lá ver que stá lá um enxame poisado». E lá vai o Anibal a correr apanhar o dito. Ele é jeitoso, e

graças a ele é que tivemos uns 30 quilos de mel puro.

O trabalho das abelhas ensina. Assim nós olhemos bem prá ciência da Natureza.

TERILYNE — Ele é da Cova da Piedade, tem 15 anos. É duma capacidade liberal. Entrou já crescido na mentalidade da rua. Trazia consigo um «eu» de assustar «sociólogos».

O Vilhena raptou-o prá sapataria, mesmo sem exatome. Muitas vezes foi já réu dos nossos tribunais quotidianos. Noutro dia foi por derubar um ninho de pardais ainda a nascerem. A oficina modificou muito o seu «eu». Ontem, Senhor Padre Acílio foi aos «peditórios» pró Algarve. Calhou ao TERILYNE o passeio.

Alguém reparou no facto e disse para o afinar: «Ena vais passear!...» Resposta pronta do Terilyne: «Até me admira! Como eu me tenho comportado!»

Ora, esta franqueza é o reconhecimento de que ele não tem sido um rapaz às direitas. Vamos a ver se agora a sério Terilyne toma a vida mais a sério.

Nem sempre o pecador é o condenado.

Na família, os pais têm sempre um fracozinho pelo filho mais tresmalhado.

Nós somos a Família!

PINGUIM — É uma nota de realce cá em casa. Pequenininho mas muito vivo e inteligente. Pertence ao grupo dos nossos batatas. É traba-



Manuel Chancudo a ordenhar, — um quadro cheio de beleza!

lhador, e quando faz tolice, lá vem o Pinguim dizer. Hoje, veio fazer queixa do irmão: «Olhe, sabe quem foi às uvas? Foi o meu irmão».

Eu fui a fazer? Mas o dever impunha seriedade. Depois chamei o irmão, e disse-lhe da falta. Eram dois irmãos, e o julgamento foi particular.

VISITAS — A nossa casa é uma beleza. Ela um encanto em fachada. Os batatas, chefiados pelo «Feijoca» são os nossos mais destacados artistas de trabalho. A sua desordem

põe ao léu o brio duns e o desleixo doutros. Pois quem não gosta de ver neste cantinho sadino, esta beleza e este encanto?!

Muitos visitantes vêm até nós. Chegam, vêem, e vão contentes por saborearem um nadinha de amor dos nossos sorrisos. O Quim é o cicero-ne do rapazzo, e do seu ofício. Nós queremos que todos nos conheçam e amem, para que haja um elo entre todos nós.

Ernesto Pinto

A Obra da Rua em Angola

reproduzidos em prata. Um Cristo antigo, imagem muito digna, muito expressiva, que culminará no centro do futuro Altar. Ainda ontem um visitante me trazia a notícia de que uma ourivesaria de Lisboa também queria ter o seu voto em Angola. Pedi uma Pixide ou uma Custódia.

Falta-nos um Missal. E paramentos, ou tecido que desse para eles, para os dias mais festivos — não será a mais se vier.

Algumas coisas temos comprado. E não posso esquecer algumas Casas que, sabendo para o que é, têm colaborado não ganhando um tostão nestas vendas.

Em um armazém de tecidos é assim: Vou e escolho. E eles vão buscar-me o preço da Fábrica. «Veja». Eu vejo — e é isso que pago.

Fui por cobertores a uma Fábrica e foi da mesma sorte. Melhor, um Pároco amigo, e pobre, soube e manda-me recado: «Leve os cobertores e deixe-me pagar». Não deixei; não deixei. Mas leve no coração o desejo do seu coração.

Uma «Avó» rejubila com a nossa próxima presença em

Visado pela Comissão de Censura

Continuação da PRIMEIRA pág.

Benguela e manda-nos um modelo reduzido de mosquitoireiro e preciosas coisas, ditadas pela experiência dos anos e dos muitos deles vividos no Lobito.

E para não ficar apenado nas coisas que nos têm chegado às mãos, tomem lá estes testemunhos de alma.

Este em letra irregular que denuncia pessoa humilde.

«Atendendo ao vosso pedido do último «Gaiato», em que pedem para que as pessoas de boa vontade tomem parte na ajuda para a expansão da Obra da Rua em terras de África; também me quero alistar nesse grande empreendimento. Não tinha mandado à mais tempo por estar à espera de receber neste mês, para poder completar esta pequena importância de 2.000\$00; que é pequena na quantidade mas grande no amor. Que Deus vos ajude».

Estoutro de S. João da Madeira, não sei de quem:

«Duas admiradoras da Obra dos Gaiatos enviam essa importância (500\$00) para as Gaiatos que vão para Angola, e pedem a Deus para os proteger sempre. Oxalá eles dêem sempre

boas contas de si e sirvam de exemplo aos outros rapazes. Deixem aroteja contra todos os perigos». (o sublinhado é nosso)



Continuação da 1.ª página. «Auto-Construção não se julga desobrigada, neste importantíssimo aspecto da moral, com a distribuição de santinhos, ou de tostões. Temos que ajudar a construir casas para aqueles que, sendo válidos mas pobres, não têm — hoje sobretudo neste tempo em que uma casa custa muito dinheiro — possibilidades de virem a ter, algum dia, uma casa sua. Se deixamos ficar no nosso bolso o dinheiro que antigamente dávamos aos pedintes, então ainda não cumprimos o mínimo no exercício da Caridade. Acabaram os pedintes? Nesse dia aumentou a nossa responsabilidade».

(Toda a correspondência dirigida para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

P.e FONSECA

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes